

## ABORDAGEM DISCURSIVA DAS REPRESENTAÇÕES SOCIAIS: SISTEMATIZAÇÃO DE UM CONSTRUTO TEÓRICO- METODOLÓGICO

Lucineudo Machado IRINEU<sup>1</sup>

**RESUMO:** Alinhavado aos pressupostos epistemológicos da Linguística Aplicada, este artigo objetiva, de modo geral, discutir o que compreendemos como abordagem discursiva das representações sociais, a partir de pesquisas que empreendemos com foco no processo de (re) produção de tais representações nos discursos midiático, autobiográfico, pedagógico e/ou acadêmico que circulam na modernidade tardia (IRINEU, 2011, 2014, 2019). De modo específico, objetiva historicizar o conceito de representações postulado por Moscovici (1976), no que se convencionou chamar de Grande Teoria, por Jodelet (1991), na abordagem genética, por Abric (1994) e Flament (2001), na abordagem estruturalista, e por Doise (2001), na abordagem societal, além de expor nossos conceitos de representação social e de discurso ancorando-nos em interface estabelecida entre a Teoria das Representações Sociais e a Análise de Discurso Crítica, em perspectiva transdisciplinar.

**Palavras-chave:** Representações sociais; Discurso; Abordagem discursiva.

**ABSTRACT:** based on the epistemological assumptions of Applied Linguistics, this article aims, in general, to discuss what we understand as a discursive approach to social representations, based on research that we undertake with a focus on the process of (re) production of such representations in the mediatic discourses, autobiographical, pedagogical and / or academic that circulate in late modernity (IRINEU, 2011, 2014, 2019). In a specific way, it aims to historicize the concept of representations postulated by Moscovici (1976), in what is called the Great Theory, by Jodelet (1991), in the genetic approach, by Abric (1994) and Flament (2001), in the structuralist approach, and by Doise (2001), in the societal approach, in addition to exposing our concepts of social representation and discourse by anchoring ourselves in an interface established between the Theory of Social Representations and the Critical Discourse Analysis, in a transdisciplinary perspective.

**Keywords:** Social representations; Discourse; Discursive approach.

### Introdução

Proposta por Moscovici (1976) nas décadas de 60/70 do século XX, a Teoria das Representações Sociais (doravante TRS) trata-se de uma proposta de investigação sobre a construção da relação dos sujeitos com o conhecimento. Circunscrita inicialmente aos estudos em Psicologia Social, tal teoria sedimenta sua base epistemológica no olhar investigativo sobre o modo como os sujeitos se constituem enquanto membros de dados

---

<sup>1</sup>Pós-doutor em Linguística pela UFC. Coordenador do Programa de Pós-Graduação em Linguística Aplicada da UECE. Atua em Linguística Aplicada, desenvolvendo e orientando pesquisas em Análise do Discurso Crítica, mais especificamente sobre representações sociais em uma abordagem discursiva, com especial atenção para os processos de (re) produção de tais representações nos discursos midiático, autobiográfico, pedagógico e acadêmico. Lidera o Grupo de Pesquisa em Análise de Discurso Crítica: representações, ideologias e letramentos. E-mail: [lucineudo.irineu@gmail.com](mailto:lucineudo.irineu@gmail.com)

grupos sociais, segundo interesses e ideologias subjacentes a seu pensar, a seu agir e a seu modo de interagir no mundo através da linguagem.

Nesta perspectiva, os estudos sobre representações sociais (doravante RS) têm se tornado cada vez mais importantes para a problematização de questões identitárias nas mais diversas áreas do conhecimento (Psicologia, Sociologia, Antropologia, Enfermagem e, mais recentemente, Linguística e Linguística Aplicada). Nessa seara, a abordagem discursiva das representações sociais a que nos propomos se define como o olhar especializado que lançamos para o estudo de tais representações a partir da interface entre a Teoria das Representações Sociais, no campo da Psicologia Social, e a Análise de Discurso Crítica, no campo da Linguística e da Linguística Aplicada, com especial atenção para a análise dos processos discursivos envolvidos na reprodução destes “objetos do pensamento” (MOSCOVICI, 1976) através dos quais elaboramos nossa visão sobre o mundo e sobre seus elementos constitutivos.

Partindo da ideia de Moscovici (1976) de que é pela linguagem (e, a nosso ver, mais especificamente, pelo discurso) que se propagam as representações, no presente trabalho, expomos, de início, o conceito de base de RS (MOSCOVICI, 1976; JODELET, 1991, ABRIC, 1994; FLAMENT, 2001; DOISE, 2001) e, em seguida, discutimos nossa visão sobre tal conceito, ancorando-nos nos pressupostos da Análise de Discurso Crítica (FAIRCLOUGH, 2008; VAN DIJK, 2010).

Acreditamos que as RS são um construto discursivo, de natureza sociocognitiva e ideológica (IRINEU, 2011, 2014, 2019), através do qual, na condição de membros de grupo sociais, compreendemos os objetos do mundo com os quais interagimos. Nessa perspectiva, o discurso pode ser compreendido, de modo amplo, como evento comunicativo (VAN DIJK, 1999) e, de modo específico, como uma dimensão da prática social (FAIRCLOUGH, 2008), mas, sobretudo, como o lócus em que os sujeitos (re) produzem RS ao longo de suas histórias de vida, compartilhando, através dos textos que produzem, valores e atitudes frente aos objetos do mundo (IRINEU, 2011).

Acreditamos que os sujeitos atuam como reprodutores de representações, na medida em que integram grupos movidos por sentimentos de pertença às congregações a que se filiam, haja vista que um conjunto de pessoas constitui um grupo social se, e somente se, como coletividade, compartilham representações, pois, para os sujeitos isso significa sua identidade estar associada a uma identidade maior, a identidade do grupo, bem como às crenças, ideias, opiniões e atitudes de seus membros com relação aos objetos do mundo tomados como objetos de representação.

Uma vez que representações alicerçam as ações de membros de grupos que pressupõem uma história comum de experiência, interação e práticas discursivas, podemos afirmar que tais membros agem segundo valores compartilhados a partir do sentimento de pertença, que não é arbitrário, já que os referidos membros compartilham opiniões durante os mais diversos eventos enunciativos em que se inserem como sujeitos, o que faz do material discursivo produzido por eles uma amostra significativa do modo como organizam sociocognitivamente o mundo.

De igual modo, considerando que representações sociais orientam práticas e constituem a identidade de um grupo, Moscovici (1976) sinalizava, ainda que de modo implícito, para a investigação do fenômeno representacional através do estudo da linguagem. Assim, pode-se afirmar que as representações, complexas e necessariamente inscritas em um referencial de um pensamento pré-existente, caracterizam-se por serem dependentes de um sistema de crenças, ancoradas em valores, tradições e imagens do mundo e da existência, como objetos constituídos no e pelo discurso.

É importante destacar que compreendemos a TRS como uma teoria geral dos

fatos sociais e não como uma teoria específica dos fenômenos psíquicos, uma vez que a origem das RS está em nossas ideologias apreendidas no bojo das interações, pois, segundo Moscovici (1976, p. 176), “as ideias e crenças que possibilitam às pessoas viver estão encarnadas em estruturas específicas”, como congregações religiosas, clãs e outros tipos de grupos. Desenvolvida ao longo dos séculos XX e XXI sobre grandes abordagens, a TRS apregoa a primazia das crenças, a origem e o papel social delas, julgando que nossas ideias são produto de nossa interação no mundo.

Quando se problematiza a relação estabelecida entre representações e discurso, assume-se a ideia de que as RS são uma tentativa de criar uma ponte entre o estranho (ou, em outras palavras, o não-familiar) e o familiar (pelo processo de familiarização), nas palavras de Moscovici (1976) através da linhagem. Em referido processo, de natureza sociocognitiva e ideológica, as RS podem ser consideradas como “objetos do pensamento” através dos quais construímos nossa visão sobre o mundo e sobre seus elementos constitutivos. Assim, a abordagem discursiva das RS oportuniza observar a relação entre ideologias, processos sociocognitivos e estruturas linguísticas envolvidos no modo como nos relacionamos em sociedade.

Feito este introito, a seguir, revisitamos os conceitos de base de representações sociais na Grande Teoria e nas abordagens genética, estruturalista e societal.

## **Representações sociais: conceitos de base e suas respectivas abordagens**

### **A Grande Teoria de Serge Moscovici**

Moscovici (1976), em sua pesquisa introdutória sobre RS, investigou as transformações dos pensamentos erudito e popular, focalizando a socialização da Psicanálise junto à população parisiense do final dos anos 50. Nesta investigação, o teórico contribuiu para o redimensionamento do conceito de senso comum, problematizando o espaço do popular como conhecimento válido, relativizando o conhecimento científico como o único legitimado ao longo da história.

Na visão de Moscovici (1976), em ampliação ao conceito de representações coletivas cunhado por Durkheim (2001), representações sociais passam a ser investigadas como meios de comunicação pelas quais se dão as interações na construção do conhecimento, a partir dos estudos em Psicologia Social.

A ampliação do emprego da expressão dá às RS características de um fenômeno social, e não somente um conceito (MOSCOVICI, 2003), haja vista o caráter dinâmico que lhes outorgou Moscovici (1976). Esta dinamicidade a que nos referimos está diretamente relacionada ao processo de “familiarização” das RS, cujo objetivo consiste em “tornar familiar o não-familiar” em um processo de transformação do conhecimento cujo nascedouro repousa nas relações sociais.

A visão interdisciplinar da investigação em Psicologia Social, ao lançar ponte entre a Sociologia, a Psicologia e a Antropologia, contribuiu para a substituição, por Moscovici (1976), do termo “coletivas” por “sociais” na TRS, na medida em que tais representações se caracterizam por ser um processo pelo qual são elaboradas diversas estruturas do conhecimento.

O sujeito, conhecido como membro de grupos, passa a ter lugar de atenção e destaque na teoria, uma vez que, no arcabouço epistemológico das RS, tal sujeito adquire uma capacidade de definição através de funções identitárias que desempenha nas interações. E este caráter funcionalmente identitário das RS foi sempre levado em conta nos mais diversos ensaios conceituais em que empreenderam estudiosos da área ao longo dos anos com o objetivo de analisar este complexo fenômeno social.

Apesar de o próprio Moscovici (1976) ter dedicado parte de sua pesquisa à tentativa de conceituar este fenômeno, muitos estudiosos, e até o referido teórico, empreenderam alguns ensaios que apontaram para um possível modo não de definir, mas de traçar características que sinalizassem para a configuração de um quadro que situasse este fenômeno entre os de caráter social. Deste modo, Moscovici (1976) postula que as representações sociais se caracterizam como:

Um sistema de valores, ideias e práticas, com uma dupla função: primeiro, estabelecer uma ordem que possibilitará às pessoas orientar-se em seu mundo material e social e controlá-lo; e, em segundo lugar, possibilitar que a comunicação seja possível entre os membros de uma comunidade, fornecendo-lhes um código para nomear e classificar, sem ambiguidade, os vários aspectos de seu mundo e da sua história individual e social (MOSCOVICI, 1976, p. 21).

Através das palavras do estudioso, é possível depreender dois dos principais processos pelos quais os indivíduos representam as coisas do mundo: a nomeação e a classificação, com destaque para o aspecto interativo de que trata o autor ao se referir a tais processos. O sistema de crenças, ideias e práticas em que consistem as representações sociais coaduna-se, assim, com a perspectiva discursiva de abordagem das RS, uma vez que o discurso se manifesta como instrumento das mais diversas ideologias que podem se manifestar através de marcas deixadas pelos sujeitos em seus discursos (FAIRCLOUGH, 2008; VAN DIJK, 1999).

A partir da base epistemológica fundada por Moscovici (1976) na Grande Teoria, outros estudiosos se dedicaram ao redimensionamento da TRS a partir de novas perspectivas. Em destaque, os trabalhos de Denise Jodelet (2001), Jean-Claude Abric (1994) e Jean-Claude Flament (2001) e Willem Doise (2001) configuram-se como novos momentos da teoria. A esses estudos correspondem, respectivamente, as perspectivas genética, estruturalista e societal de investigação das representações sociais, discutidas a seguir.

### **A abordagem genética de Denise Jodelet**

Como representante mais direta do pensamento moscoviciano, Denise Jodelet (1984), em sua pesquisa sobre as RS sobre a loucura, deu continuidades aos estudos de Moscovici (1976) a partir de uma abordagem genética do fenômeno representacional. Esta abordagem investiga a gênese, a história das RS construídas pelos sujeitos em interação, com o objetivo de compreender as múltiplas dimensões pelas quais passa uma RS desde a sua origem.

A perspectiva através da qual Jodelet (1984) investiga as RS como um saber compartilhado objetiva compreender de que modo as dimensões de uma RS podem ser investigadas a partir de procedimentos metodológicos como a análise do conteúdo, em perspectiva etnográfica. Pesquisas em profundidade, em sua versão dirigida, por exemplo, são elencadas como técnica de coleta de material de análise, técnica essa privilegiada por Jodelet (2001) e difundida pelos estudiosos subsequentes, a exemplo de Abric (1994) e Flament (2001), na investigação de RS de cunho estruturalista.

Na visão da autora, faz-se necessário entender, ao invés de dicotomizar, como o pensamento individual se enraíza no social, levando em conta as condições de produção e os contextos de enunciação em relação. Assim, RS, no dizer de Jodelet (1991), podem ser caracterizadas como:

Fenômenos complexos cujos conteúdos devem ser cuidadosamente destrinchados e referidos aos diferentes aspectos do objeto representado de

modo a poder apreender os múltiplos processos que concorrem para a sua elaboração e consolidação como sistemas de pensamento que sustentam as práticas sociais (JODELET, 1991, p. 34).

É através da compreensão dos “múltiplos processos que concorrem para a sua elaboração e consolidação como sistemas de pensamento que sustentam as práticas sociais” que Denise Jodelet sistematiza a teoria em sua versão primeira proposta por Moscovici (1976), dando-lhe, segundo Sá (1998), uma “feição mais objetiva”.

Como “fenômenos complexos”, sobre os quais está posta a necessidade de uma investigação criteriosa para se compreender seus “diferentes aspectos”, ou seja, suas diferentes dimensões, estes construtos discursivos são situados pela pesquisadora como “sistemas de pensamento” que não só “sustentam as práticas sociais”, mas que se constituem nestas práticas.

Posterior a Jodelet (1984), os trabalhos de Abric (1994) e Flament (2001) reforçaram a ideia de as RS são de fato objetos salientes do ponto de vista da sociocognição e que podem ser investigados com relação a seus elementos divididos em núcleos (Teoria do Núcleo Central). A visão desses autores é contemplada a seguir, dando ênfase ao aspecto estrutural desta proposta de investigação das RS.

### **Abordagem estruturalista de Jean-Claude Abric e Jean-Claude Flament**

Proponente da Teoria do Núcleo Central, Abric (1994) investigou a estruturação das RS, através do processo de objetivação. A partir de procedimentos quantitativos e qualitativos de coleta e análise de dados, como a técnica de associação de palavras, o teórico, em sua pesquisa, investigou as RS sobre o artesão e o artesanato com um grupo de sujeitos trabalhadores manuais.

Para referido teórico, uma RS pode ser entendida como uma organização de informações no nível da cognição, ou seja, um conjunto estruturado de informações, crenças, opiniões e atitudes. Trata-se de um sistema sociocognitivo particular, composto de dois subsistemas (ou núcleos): um central e um periférico.

Para a elaboração deste conceito, o autor postula que, como manifestações do pensamento, como o acreditavam Moscovici (1976) e Jodelet (2001), as RS organizam-se em núcleos relacionados a elementos que as compõem, sendo o núcleo central constituído pela natureza do objeto representado e pela relação que o sujeito mantém com esse objeto, elemento determinante do significado da representação (função geradora), da organização interna (função organizadora) e da estabilidade (função estabilizadora).

Tendo seu funcionamento regido pelo processo de ativação, o núcleo central é constituído por elementos normativos, ou seja, valores codificados na interação, e elementos funcionais, ou seja, valores relativos à sua função nas práticas sociais. Destaque-se que, em sua caracterização, podemos dizer que o conteúdo do núcleo central tende a se mostrar relativamente estável e, em geral, não variável em função do contexto. No entanto, alguns elementos do referido núcleo são ativados diferentemente dentro de dados contextos pela questão das práticas sociais a eles relacionadas.

Flament (2001), outro teórico com visão estruturalista do fenômeno representacional, endossa a TRS mostrando que, ao lado do núcleo central, existem elementos periféricos que podem ser considerados importantes no funcionamento das representações, pois podem evidenciar sua dimensão subjetiva. Tal estudioso reforça a validade de técnica de coleta e tratamento de dados como a associação de palavras e exercícios de memorização com o objetivo de compreender as RS engendradas nos núcleos estruturantes do pensamento humano.

Como “a simples descrição do conteúdo de uma RS não é suficiente para seu reconhecimento e sua especificação”, a investigação em torno à constituição do núcleo central está ligada “às situações de natureza histórica, sociológica e ideológica de um determinado grupo, conjugando também suas normas e valores sociais compartilhados”, como salienta Dieb (2004, p. 45).

Propondo-se a um rigor metodológico, os pesquisadores do Grupo do Midi (Universidade de Aix-en-Provence) do qual Abric (1994) fez parte, marcaram o estudo das RS por terem destacado que, depois de identificados os elementos dos núcleos central e periférico de dada representação, tornava-se possível estudar o significado que seus elementos lhe atribuem, abrindo espaço para a análise das condições de produção intergrupais destes fenômenos, questão que foi fundamental para a postulação da abordagem societal de Doise (2001), como vemos a seguir.

### **A abordagem societal de Willem Doise**

Doise (2001), representante da Escola de Genebra, parte do conceito de atitude oriundo da Psicologia Social e, ao contrário de Abric (1994), concentra-se na ancoragem como processo responsável pela geração do fenômeno representacional. A atitude, nesta visão, é tratada como um construto derivado da associação entre valores sociais, próprios da coletividade, ou seja, da vida em grupos, e atitudes psicológicas, inerentes aos indivíduos integrantes desses grupos. Posteriormente, as pesquisas em Cognição Social imprimiram um ar interdisciplinar ao estudo das atitudes, deslocando-o da Psicologia Social para outras áreas do conhecimento.

Ao investigar a relação entre RS e Direitos Humanos, o teórico analisou como as inserções sociais concretas dos sujeitos em grupos condicionam suas representações. Interessado em compreender as concepções dos sujeitos e sua relação com a construção das RS, Doise (2001) postulou as atitudes como tomadas de posição simbólica (posicionamentos) pelos indivíduos com relação ao objeto representado.

O referido teórico distingue níveis possíveis de análise em Psicologia Social (intrapessoal, interpessoal e posicional) sobre a hipótese de que diferentes membros de dado grupo partilham certos posicionamentos, diferenciando-se entre si nas relações que mantêm no campo de RS, através do qual é possível entrever as experiências sociais, as relações grupais e as atitudes. Assim, Doise (2001) compreende RS como:

Um conjunto organizado de opiniões, de atitudes, de crenças e de informações referentes a um objeto ou a uma situação determinado ao mesmo tempo pelo próprio sujeito (sua história, sua vivência), pelo sistema social e ideológico no qual ele está inserido e pela natureza dos vínculos que ele mantém com esse sistema social (DOISE, 2001, p. 156).

A conceituação de Doise (2001) revela a percepção do autor sobre os comportamentos intergrupais, na tentativa de compreender como os processos de categorização social guiados pela ancoragem intervêm na interação entre grupos, evidenciando que de fato as RS precedem a interação.

Fundada neste raciocínio está a concepção de RS como “uma ação sobre a realidade” (DOISE, 2001, p. 53). Na medida em que refletem uma estrutura, as RS contribuem, sociocognitivamente, para construção de conhecimentos pelos processos de elaboração de RS, que por sua vez orientam as práticas sociais dos indivíduos, na condição de membros de grupos sociais. Esse processo se dá genuinamente no e pelo discurso, como vemos a seguir, na discussão sobre a abordagem discursiva das representações sociais que temos empreendido nos últimos anos.

## **Abordagem discursiva: sistematização de um construto teórico-metodológico**

Como dito, por abordagem discursiva das representações sociais compreendemos o olhar especializado que lançamos para o estudo de tais representações a partir da interface entre a Teoria das Representações Sociais, no campo da Psicologia Social, e a Análise de Discurso Crítica, no campo da Linguística e da Linguística Aplicada, com especial atenção para a análise dos processos discursivos envolvidos na reprodução destes “objetos do pensamento” (MOSCOVICI, 1976) através dos quais elaboramos nossa visão sobre o mundo e sobre seus elementos constitutivos.

Na mesma linha de pensamento, por RS compreendemos o construto discursivo, de natureza sociocognitiva e ideológica (IRINEU, 2011, 2014, 2019), através do qual, na condição de membros de grupo sociais, compreendemos os objetos do mundo com os quais interagimos. Por sua vez, por discurso compreendemos, de modo amplo, todo evento comunicativo (VAN DIJK, 1999) e, de modo específico, uma dimensão da prática social (FAIRCLOUGH, 2008), mas, sobretudo, como o lócus em que os sujeitos (re) produzem RS ao longo de suas histórias de vida, compartilhando, através de textos, seus valores e atitudes frente aos objetos do mundo (IRINEU, 2011).

De início, vamos nos centrar na natureza ideológica das representações.

Ao reconhecermos que as ideologias se projetam em direção aos interesses e recursos de grupos e de seus membros na organização e no manejo de seus objetivos e práticas sociais, formamos grupos por motivos sociais, políticos em direção à defesa dos interesses desse grupo. Na TRS, geralmente, a esta congregação de pessoas dá-se o nome de grupos sociais.

No que se refere às questões identitárias inerentes à constituição das RS como construtos ideológicos, os membros que formam referidos grupos são movidos por sentimentos de pertença às congregações a que se filiam, haja vista que um conjunto de pessoas constitui um grupo se, e somente se, como coletividade, compartilharem RS em um processo de partilha de identidades, crenças, ideias, opiniões e atitudes com relação aos objetos do mundo na condição de objetos de representação.

Uma vez que as representações sociais alicerçam as ações de membros de grupos que pressupõem uma história comum de experiência, interação e práticas discursivas, os membros agem segundo atitudes, ideologias e valores compartilhados a partir do sentimento de pertencimento, que não é arbitrário, já que os referidos membros compartilham opiniões durante os mais diversos eventos enunciativos em que se inserem como sujeitos, o que faz do material discursivo analisado uma amostra significativa do modo como organizam mentalmente as coisas do mundo.

Além das questões relacionadas à formação de grupos ideológicos segundo as representações sociais compartilhadas, existem recursos simbólicos para a manutenção desses grupos no que se diz respeito a sua institucionalização e a seu funcionamento nas relações sociais. São exemplos desses recursos as categorias para identificações sociais como sexo, profissão, dentre outros, o que faz com o que esse sentimento de grupo seja definido em termos representacionais, haja vista os papéis sociais que os sujeitos assumem no momento da enunciação (VAN DIJK, 1999).

Neste sentido, sabe-se que as ideologias estão organizadas por um esquema composto por categorias fundamentais que codificam os modos através dos quais os membros definem a si mesmos e aos outros como membros de um grupo. Deste modo, pode-se entender que a admissão a tais grupos pode-se dar de duas maneiras: por meio de processos naturais (desde o nascimento) ou através do ingresso, da adesão àquele grupo a partir do objetivo de compartilhar objetivos, crenças, representações.

Feitas essas breves considerações sobre o caráter ideológico das representações sociais, detemo-nos agora a seu caráter sociocognitivo.

Sabemos que é no e pelo discurso que os sujeitos se posicionam, fazendo surgir nos textos que produzem representações sociais, materializadas em estruturas linguístico-discursivas, espécies de vetores que evidenciam a existência de tais representações, por nós tomadas como condição de categorias analíticas. São exemplos das referidas categorias: (i) estruturas morfológicas (adjetivos e locuções adjetivas, em destaque, além de outros termos e/ou expressões, apropriados pelos sujeitos em seu discurso, com valor ideológico apreciativo ou depreciativo); (ii) construções sintáticas (relações intencionais na hierarquia sintática da sentença e suas implicações para a projeção de sentido em nível de estruturação de orações e/ou períodos específicos, como a topicalização do pronome “nós”, explícito ou subentendido, em situação de valorização e de desvalorização ao pronome “eles”, também de modo explícito ou subentendido, ou seja, a polarização ideológica); (iii) elementos semânticos (significado conceitual referido no léxico, além de proposições, cláusulas e orações); (iv) estruturas retóricas (determinadas figuras estilísticas), dentre inúmeras outras possíveis categorias a depender do corpus a ser analisado. Mais exemplos de categorias analíticas em pesquisas que compõem a abordagem discursiva das RS se encontram disponíveis em Irineu (2011), Nascimento (2012), Miranda (2012), Pereira (2014), Cavalcanti (2017), Garcia (2018), dentre outros.

Também sabemos que os grupos e seus membros se singularizam nas práticas sociais (e aqui está claro que o discurso se apresenta como uma dessas práticas) por questões de ordem identitária como: quem são (ou seja, como se veem, como se representam), o que fazem, o que querem, no que creem, onde se localizam (posição social) o que assumem ou não assumem como valores sociais, como veem os outros com quem interagem, ou seja, como representam, em seu discurso, os objetos do mundo.

E é no funcionamento das relações sociais que se desvela a dimensão fundamental das ideologias, ou seja, a sua apresentação como forma de expressão e reprodução na interação social em geral e no discurso em particular. O discurso, assim, passa a ser entendido como o lócus em que os sujeitos (re) produzem RS ao longo de suas histórias de vida, divulgando, nos textos que produzem, valores e atitudes frente aos objetos do mundo.

A supremacia do social no discurso hoje é amplamente reconhecida nos campos da epistemologia dos estudos da linguagem. Desse fato resulta o caráter interdisciplinar do estudo das RS nas mais diversas áreas do conhecimento humano, como nos estudos da linguagem. Deste modo, é possível afirmar que sociedade e atores sociais em si criam crenças e ideias sobre eles mesmos e sobre o mundo que os rodeia, haja vista a justificativa do olhar dos fenômenos das formas ideológicas de pensamento e ação coletiva vistas através da conexão entre as intersubjetividades e as produções discursivas, de modo a serem as RS transmitidas de uma geração a outra.

Sabe-se, nessa perspectiva, que a TRS é uma teoria geral, ampla, dos fatos sociais e não uma teoria específica dos fenômenos psíquicos, uma vez que a origem das RS está em nossas ideologias apreendidas no bojo das relações sociais, pois, segundo Moscovici (1976, p. 176), “as ideias e crenças que possibilitam às pessoas viver estão encarnadas em estruturas específicas”, como igrejas, clãs e outros grupos sociais. Desenvolvida sobre três aspectos principais, a teoria das RS apregoa a primazia das crenças, a origem e o papel social delas, julgando que as crenças e ideias são produto da interação linguístico entre os mais diversos sujeitos de dada sociedade.

As RS apresentam caráter holístico (MOSCOVICI (1976), dado que não se pode atribuir uma crença/categoria isolada a um indivíduo/grupo sem que entenda esse indivíduo/grupo como um ser/instituição que se mostra pelas práticas discursivas que

executa em sua comunicação diária. Além disso, o teórico postula que as RS são construções intelectuais do pensamento relacionadas às emoções coletivas e manifestam-se nos aspectos mais triviais da linguagem e do comportamento humanos, possuindo, deste modo, coerência e valor.

Um exemplo do modo como essas transformações acontecem está no fato de o conhecimento popular nos oferecer acesso direto, em sua configuração e funcionamento, às representações sociais. Em se tratando de situações reais de comunicação e interação linguística entre indivíduos diversos, pode-se observar, tanto em eventos de linguagem falada, como de linguagem escrita, que há uma relação estreita entre a projeção de RS e os processos linguísticos.

Quando se problematiza a relação estabelecida entre representações sociais, discurso e construção do conhecimento entre os mais diversos atores sociais, assume-se a ideia de que as RS são uma tentativa de criar uma ponte entre o estranho (ou, em outras palavras, o não-familiar) e o familiar (pelo processo de familiarização), nas palavras de Moscovici (1976). Em referido processo, as RS podem ser consideradas como “objetos do pensamento” através dos quais constituímos nossa visão de mundo e de seus elementos constitutivos.

E é com a finalidade de nos familiarizarmos com o estranho que, na posição de membros de grupos sociais, criamos as RS, responsáveis pela redução da margem de uma possível não-comunicação entre os atores sociais e entre esses e o mundo que os cerca, nos eventos comunicativos diários dos quais participam. É que, no e pelo discurso, produzimos “pontes” que nos ligam ao mundo e seus elementos, condição essencial para que a comunicação como forma de socialização se realize. Deste modo, é possível reafirmamos a finalidade primeira das RS: tornar a interação, dentro de um grupo, relativamente “não-problemática” e reduzir o “vago” comunicativo através de certo grau de consenso entre seus membros.

Como sabemos, Moscovici (1976) já defendia a investigação do fenômeno representacional via linguagem na vertente de base da TRS, ou seja, pelo discurso constituído e manifesto. Assim, pode-se afirmar que as RS, complexas e necessariamente inscritas em um referencial de um pensamento pré-existente, caracterizam-se por serem dependentes de um sistema de crenças, ancoradas em valores, tradições e imagens do mundo e da existência, como objetos de um permanente social no/atraves do discurso.

Por fim, interessa-nos destacar uma análise de representações sociais através de uma abordagem discursiva possibilita a compreensão da relação existente entre operações sociocognitiva e ideologias, o que de fato comprova a importância de análises dessa natureza, tão promissoras para a compreensão do modo como concebemos o mundo que nos cerca.

## Conclusão

Essa mirada especializada para o estudo de representações sociais, a que temos chamado de abordagem discursiva, tem se mostrado promissora para a compreensão de processos sociais que protagonizamos na contemporaneidade. Não menos promissora tem se mostrado a interface estabelecida entre a TRS e a Análise de Discurso Crítica, sobretudo nas perspectivas dialético-relacional de Fairclough (2008), que vê o discurso como um momento da prática social, e sociocognitiva de van Dijk (1999), que compreende o discurso como evento comunicativo. É dessa interface que deriva as concepções de discurso e de representações sociais nas quais nos amparamos em nossas pesquisas: discurso como na qual nos ancoramos em nossas pesquisas: discurso como o lócus em que os sujeitos (re) produzem RS ao longo de suas histórias de vida,

compartilhando, através de textos, seus valores e atitudes frente aos objetos do mundo, e representações sociais como construto discursivo, de natureza sociocognitiva e ideológica, através do qual compreendemos os objetos do mundo com os quais interagimos.

Ao passo em que entendemos o percurso feito até aqui como promissor, reconhecemos que muito ainda há de ser feito para que as investigações sobre representações sociais se estabeleçam nos estudos discursivos diversos, e não só na ADC. É nessa direção que pesquisadoras e pesquisadores têm empreendido esforços para fortalecer uma rede de ações de pesquisa Brasil a fora que, logo mais, há de conquistar o espaço necessário para que os estudos avancem nessa perspectiva.

É por essa direção que temos nos guiado!

## Referências

- ABRIC, J. C. **Pratiques sociales et représentations**. Paris: PUF, 1994.
- CAVALCANTI, L. P. **Devious Maids: representações sociais sobre as mulheres latinas em uma perspectiva multimodal**. 269 f. Tese (Doutorado em Letras) Programa de Pós-Graduação em Letras, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.
- DIEB, M. H. **Educação infantil e formação docente: um estudo em representações sociais**. Dissertação de Mestrado. Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Ceará: Fortaleza, 2004.
- DOISE, W. Atitudes e representações sociais. In: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Trad. Lílian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 187-203.
- DURKHEIM, E. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Martin Claret, 2001.
- FAIRCLOUGH, N. **Discurso e mudança social**. 2ª ed. Coord., trad., revisão e prefácio à edição brasileira de I. Magalhães. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2008.
- FLAMENT, C. Estrutura e dinâmica das representações sociais. In: JODELET, D. (Org.). **As representações sociais**. Trad. Lílian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001. p. 173-186.
- GARCIA, P. C. A. **Representações sociais sobre o racismo no discurso de discentes moçambicanos na Unilab/CE: vozes, imagens e trajetórias coletivas**. 2018. 109 f. Dissertação (Mestrado Interdisciplinar em Humanidades) Mestrado Interdisciplinar em Humanidades, Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-brasileira, 2018.
- IRINEU, L. M. **Representações sociais sobre a latinidade em sites de redes sociais contemporâneas: uma investigação discursivo-ideológica situada no Orkut**. 2011. 211 f. Dissertação (Mestrado em Linguística) Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2011.
- \_\_\_\_\_. Abordagem discursiva das representações sociais: princípios de um construto teórico. In: DIEB, M. H.; ARAÚJO, J.; BAPTISTA, L. M. T. (Org.). **Discursos, ideologias e representações sociais**. Curitiba: CRV, 2014, p. 13-31.
- \_\_\_\_\_. *et. al* Vozes da escola sobre o trabalho infantil: um estudo em representações sociais. **Caminhos em Linguística Aplicada**, v. 20, p. 19-38, 2019.
- JODELET, D. **Representation sociale: Phénomène, concept et théorie**. Paris: Presses Universitaires de France, 1984.
- \_\_\_\_\_. Représentations sociales: un domaine en expansion. In: JODELET, D. (org). **Les représentations sociales**. 2. ed. Paris: PUF, 1991.
- \_\_\_\_\_. **As representações sociais**. Trad. Lílian Ulup. Rio de Janeiro: EdUERJ, 2001.
- MIRANDA, C. A. A. **Abordagem ideológica da representação social de professores universitários sobre a formação de docentes de E/LE**. 187 f. Dissertação (Mestrado

em Linguística) Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

MOSCOVICI, S. **A representação social da psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1976.

\_\_\_\_\_. **Sobre representações sociais**. Santa Catarina: Editora da UFSC, 2003.

NASCIMENTO, M. V. F. **Representação, avaliação e léxico: um olhar sobre o discurso de professores e tutores do curso de licenciatura em Letras/Espanhol da Universidade Federal do Ceará**. 229 f. Tese (Doutorado em Linguística) Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2012.

PEREIRA, G. C. **As representações do gênero feminino no seriado televisivo *A Grande Família*: uma análise crítica do discurso imagético-verbal**. 155 f. Tese (Doutorado em Linguística) Programa de Pós-Graduação em Linguística, Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, 2014.

SÁ, C. P. **A construção do objeto de pesquisa em representações sociais**. Rio de Janeiro: EdUERJ, 1998.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2009.

VAN DIJK, T. A. **Cognição, discurso e interação**. (Org. e apresentação de Ingedore V. Koch). 4ª ed. São Paulo: Contexto, 1999.

\_\_\_\_\_. **Ideología y discurso: una introducción multidisciplinaria**. Barcelona: Ariel, 2003.

\_\_\_\_\_. **Discurso e poder**. HOFFNAGEL, J.; FALCONE, K. (Orgs.) São Paulo: Contexto, 2010.

*Submetido em 21 de maio de 2019. Aprovado em 28 de junho de 2019.*